



# BLUMENAU

em **CADERNOS**

---

Junho 1983

N. 6

TOMO XXIV

---

## CANTO DOS COOPERADORES

A Fundação “Casa Dr. Blumenau” torna público o seu sincero agradecimento pelo generoso apoio financeiro, de estímulo à publicação desta Revista, recebido de :

Artur Fouquet - Blumenau  
Buschle & Lepper S. A. — Indústria e Comércio  
Casa Flamingo Ltda.  
Casa de Móveis Rossmark S. A.  
Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia Souza Cruz Indústria e Comércio - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Empresa Auto Viação Catarinense — Blumenau  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Imobiliária «D L» Ltda.  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
Joalheria e Ótica Schwabe Ltda. - Blumenau  
João Felix Hauer - Curitiba  
Lojas NM Comércio e Ind. Ltda. - Itoupava Seca - Blumenau  
Lindner, Herwig, Shimizu - Arquitetos - Blumenau  
Madeira Odebrecht Ltda. - Blumenau  
MAFISA - Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
MAJU - Indústria Têxtil Ltda. - Blumenau  
Moellmann Comercial S/A. - Blumenau  
Tabacos Brasileiros Ltda. - Blumenau  
TEKA - Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Tipografia e Livraria Blumenauense S. A.

# BLUMENAU

## EM CADERNOS

TOMO XXIV

Junho de 1983

Nº. 6

### SUMÁRIO

Página

Hermann Ruediger e a "Musikkapelle" .....	146
Autores Catarinenses .....	148
"Kander & Deschner" (Década dos 20s) .....	150
Ata de fundação da Loja Maçônica .....	151
História Romanceada de Hermann Bruno Otto Blumenau .....	153
Blumenau: Um Legado Histórico .....	159
Repercussões de um aniversário literário .....	163
Lauro Severiano Müller .....	164
Biblioteca "Dr. Fritz Müller" emprestou 742 livros em maio .....	166
Prefeito Dalto dos Reis reúne clubes de Caça e Tiro .....	167
Novo Imortal .....	167
Aconteceu... Maio de 1983 .....	169
Movimento de pesquisas do Arquivo Histórico .....	171
O Conselho Curador esteve reunido .....	172

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*  
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. nº. 19

ASSINATURA POR TOMO (12 NÚMEROS) Cr\$ 1.000,00

Número avulso Cr\$ 150,00 -- Atrasado Cr\$ 200,00

Assinaturas p/ o exterior Cr\$ 1.000,00 mais o porte Cr\$ 1.000,00 total Cr\$ 2.000,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.100 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

# Hermann Ruediger e a "Musikkapelle"

Edith Kormann

Hermann Christina Ruediger, filho de Friedrich Ruediger e Magdalene Rau Ruediger, nasceu no dia 19 de dezembro de 1843 na Saxônia — Alemanha. Veio para o Brasil em 1862 e no dia 30 de outubro de 1864 casou-se com Frederike Mahnke, filha de Caroline Mahnke, e David Seibe (padrasto, conforme livro de casamentos da Comunidade Evangélica de Blumenau).

Músico notável, tocava mais de seis instrumentos musicais. Fundou e dirigiu o primeiro conjunto musical da Colônia Blumenau (Musikkapelle), conjunto que tomou parte na festa e na procissão de S. Paulo em 1865, procissão que foi da igreja até o antigo porto de Blumenau. Ruediger fora músico e dirigente de corais na Alemanha, e com sua extraordinária versatilidade e capacidade musical alegrou o alvorecer da nossa Colônia Blumenau, ensinando música, criando e dirigindo corais.

No dia 3 de setembro de 1871, quando a Sociedade de Canto "Germânia" festejou seu aniversário no salão Baumgarten, além dos oito números de canto executados pela Sociedade de Canto "Germânia", Ruediger preparou para as festividades variações para flauta com acompanhamento de quarteto. Os números foram muito bem executados e aplaudidos. O baile a seguir, durou até ao amanhecer.

Ruediger fundou em 1875 a primeira sociedade mista de cantores (homens e mulheres), a "Urânia", que no dia 11 de setembro de 1883, no salão Baumgarten, festejou com muita alegria os seus oito anos de existência. Fundou também a Sociedade de Canto "Frohsinn" de Itoupava Norte em 1875, e a Sociedade de Canto "Harmonie" de Blumenau que aparece em 1902, e que em 31 de outubro de 1919, reúne-se em Assembléia Geral a convite de Ruediger em sua residência.

Os concertos de Ruediger eram realizados pelo Natal, Páscoa, Pentecostes e em todas as comemorações importantes da Comunidade. A primeira e mais importante banda musical da época foi a "Musikkapelle" Ruediger. O conjunto Ruediger estava sempre a postos, e nos bailes dos Atiradores às 19,30 horas em ponto, convidava com fortíssimo toque de trombeta os presentes para formarem para a "polonaise".

Depois de Ruediger outros conjuntos musicais foram surgindo, bem como, verdadeiras bandas musicais, inclusive no interior da Colônia. Das bandas destacou-se a de Carl Lingner ou Lingner Kapelle que uniu-se à Ruediger, formando a Banda Ruediger & Lingner que estavam sempre presentes nas comemorações importantes da Comunidade. O terceiro concerto da Banda Ruediger & Lingner, conforme o "Blu-

menauer Zeitung" de 27 de setembro de 1884 foi realizado à noite, o que muito alegrou os presentes que solicitaram que os mesmos concertos deveriam se repetir sempre à noite. As peças foram muito aplaudidas, principalmente a fantasia para flauta e os "echo scherzo". O Concerto de Natal foi noticiado no "Blumenauer Zeitung" de 20 de dezembro de 1884 como "Concert der Ruediger & Lingnerschen Kapelle". O convite formulado foi o seguinte: "Am ersten Weinachtsfeiertage 3 1/2 Uhr, Konzert der Ruediger & Lingnerschen Kapelle bei dem Unterzeichneten und wird dazu mit dem Bemerken eingeladen dass das Konzert im Freien auf einen dazu besonders mit Zelten Baenken und Tischen und hergerichteten Platze stattfindet. Fuer gute Getraenke. gute Bedienung und wuerd destens gesorgt. Blumenau den 17 december 1884 — Theodor Lueders". Era um convite para um concerto ao ar livre com bancos, mesas, boas bebidas e bom atendimento. A Ruediger & Lingnerschen Kapelle espalhava alegria no salão dos Atiradores, Frohsinn, Hotel Holetz e outros locais.

Lingner foi corneteiro do Batalhão de Voluntários de Blumenau que em 1893, depôs o Governador do Estado Eliseu Guilherme da Silva.

Para o IV Centenário do Descobrimento do Brasil festejado no dia 3 de maio de 1900, a Comissão Organizadora dos Festejos em Blumenau, integrada pelos deputados estaduais, Peter Christian Feddersen, Francisco Margarida, Luiz Abry, coletor Francisco da Cunha Silveira, superintendente José Bonifácio da Cunha e do comerciante Rudolph Altenburg, incluiu um concerto no Teatro "Frohsinn" pela Sociedade Musical, dirigido pelo maestro Hermann Christian Ruediger. Foram também realizados bailes no Teatro "Frohsinn" Sociedade dos Atiradores e salão Richard Holetz.

Com idade avançada, Ruediger presenteou o maestro Heinz Geyer com a sua batuta.

Ruediger, em 1.º de julho de 1883, instalou um negócio de secos e molhados, relojoaria, fábrica de objetos de ouro e prata e venda de instrumentos musicais à Rua 15 de novembro esquina Amadeu da Luz. O negócio girava sob a firma comercial Hermann Ruediger e filhos. Em 1.º de março de 1906 a firma passou a chamar-se Hermann Ruediger & Cia., fazendo parte o pai Hermann Ruediger Senhor e seu filho Oskar. Com o falecimento de Oskar assumiu os negócios Arthur que faleceu moço.

O prédio foi demolido em 1962 para dar espaço ao Edifício Impala. Toda a quadra pertencia à família Ruediger.

No jornal "Der Urwaldsbote" n.º 38 do dia 9 de novembro de 1926, estava inserida a nota de falecimento de Hermann Ruediger Senhor, que falecera de derrame cerebral no dia 4 de novembro de 1926 às 4 horas da manhã com 83 anos de idade.

Teve 14 filhos dos quais sete já estavam mortos. Deixou ainda 48 netos e 32 bisnetos.

Os familiares agradeceram através do "Der Urwaldsbote" ao Dr. Kuebel que atendeu o falecido e o tratou ainda em vida, e ao Pasto. Schroeder pela homenagem e canto na sepultura.

# AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANÁZIO

## O VALE DO IGUAÇU

O falecido Prof. Alvir Riesenbergl, membro da Academia Paranaense de Letras, foi um aplicado estudioso do Vale do Iguaçu, região em parte comum aos Estados de Santa Catarina e do Paraná. Dessas pesquisas, afora estudos esparsos, ficaram dois livros, — “A instalação humana no Vale do Iguaçu” (1973) e “Nha Marica, minha avó” (1976), trabalhos destacados da ensaística local. Este último, um exemplar estudo de aculturação, mereceria um comentário específico, mas é ao primeiro, pelos múltiplos e interessantes aspectos que focaliza, que estou voltendo aqui minha atenção.

Homem de muita cultura, conseguiu o autor enfrentar com segurança e beleza de estilo os diversos temas tratados, desde a conformação geográfica, que fica nítida na visão do leitor, até problemas históricos, econômicos, sociais e políticos da vasta região influenciada pela caudal do Rio Iguaçu. A aridez tão comum em obras desse tipo consegue ser afastada, embora se observe, em algumas passagens um certo bairrismo ufanista que não chega, felizmente, a comprometer o valor do trabalho.

Começa ele por um conspecto geográfico onde descreve com exatidão o vale pelo qual o rio majestoso rola suas águas. Impressiona a fidelidade do narrativo, que nunca foge ao científico, tal a gama de informações que transmite. Empreende depois um resumo histórico, desde as remotas expedições de Francisco de Chaves e do adelantado espanhol D. Alvar Nuñez Cabeza de Vaca, para chegar ao povoamento através das posses e da colonização efetiva pelos dois grandes eixos: a estrada de Palmas e a navegação pelo Iguaçu.

Esta última, a mais fascinante parte do livro, tem início a 17 de dezembro de 1882, data em que Amazonas de Araújo Marcondes inaugura a navegação a vapor, lançando às águas do grande rio o vapor “Cruzeiro”. O desenvolvimento dessa navegação, com o florescimento das vilas ribeirinhas, o registro minucioso de todo o trecho navegável e a importância da erva-mate na economia regional são estudados de vários ângulos e sempre calcados em fartos elementos de informação e pesquisa, inclusive depoimentos e vasta bibliografia.

A colonização européia mereceu uma análise profunda. Mostrou o autor o encontro das culturas eslava e cabocla, com as recíprocas interações. Enquanto os colonos, na maioria procedentes do Reino

da Polônia e de Poznan, não tinham qualquer tradição como agricultores e foram distribuídos em lotes de pequenas proporções, os brasileiros desfrutavam da amplidão das posses, o que propiciou diferentes formas de comportamento.

Entre os nacionais vigorava um regime patriarcal com a família reunida em torno do chefe, por isso inclinado ao "mandonismo político"; com os europeus, a separação das famílias se impunha pela exiguidade de espaço, com a conseqüente conservação da personalidade e maior ligação com a vizinhança em virtude da proximidade. As pequenas dimensões de seus lotes levam ao rápido exaurimento das terras, sem condições de recomposição, sobrevivendo o declínio da agricultura. A influência eslava é acentuadamente menor que em outras regiões colonizadas por europeus. Só numa certa melhoria da casa cabocla, na dieta, nos nomes e em algumas palavras é que ela se faz sentir.

Conhecedor da região e dono de agudo senso de observação, o autor põe a nu os erros do passado em razão dos quais a colonização européia do Vale do Iguaçu não correspondeu à expectativa. O minifúndio estabelecido, sem base na capacidade das terras, o deslocamento de braços da lavoura para outros misteres e a devastação sistemática das florestas são algumas causas do insucesso.

Motivado pela releitura desses trabalhos do saudoso professor e amigo, com quem privei mais frequentemente no final de sua existência, decidi rever pequena parte da "região polonesa", que eu não visitava desde os tempos de ginásiano. Nessa região se incluem os ucranianos ou ucranianos, pois embora de origem diversa, o morador nativo não os distingue. Partindo de Porto União da Vitória, a maior cidade do Vale, também ela meio catarinense e meio paranaense, tomei a Rodovia Transbrasiliana em direção a Fluvíópolis, nas proximidades de São Mateus do Sul, onde se acha a Usina do Xisto, da Petrobrás. Fluvíópolis, importante porto fluvial do tempo da colonização e que merece inúmeras referências do ensaísta, não conserva vestígio do progresso de outrora. As terras arenosas desgastadas, o declínio da erva-mate, as reservas florestais consumidas, a estagnação do porto em virtude da ausência de vapores provocaram morte da vila e dela nada mais existe exceto algumas árvores antigas e a igrejinha construída no local da antiga. Rio Claro do Sul, Malé e Dorizon (curiosa comunidade ucraniana que mereceu excelente estudo de Miguel Wouk) apresentam o mesmo aspecto modorrento. A impressão de terra despovoada é contrabalançada pela paisagem de um verde vivo. Pelas estradinhas de poeira branquicenta ainda circulam carroções, alguns deles com tolda arredondada de lona e em toda parte se avistam mulheres com seus tradicionais lenços brancos na cabeça. Afora isso e o sotaque bem característico, muito pouco existe para lembrar as origens dessa gente tão boa que para ali veio em busca de novos destinos.

Mas não desacreditava o Prof. Riesemberg das possibilidades da região. Seu livro é uma demonstração de que a pesquisa do passado, com os dados da ciência e uma interpretação crítica poderão evitar a

reincidência nos erros cometidos. Esta a grande mensagem de seu livro.

### “ARTEPOEMA”

Hassis, artista plástico, e Silveira de Souza, contista e poeta, uniram esforços para realizar em Florianópolis e Blumenau a exposição “Artepoema”, com pinturas do primeiro e poesias do segundo. É a primeira vez que Silveira de Souza, consagrado como contista, ingressa nos domínios do poético, ou, como ele próprio diz, faz uma “furtiva incursão numa outra esfera”. Os trabalhos de Hassis são ótimos e a produção do neo-poeta (pelo menos em verso) Silveira de Souza mereceram gerais aplausos. De minha parte, gostei de “Benzedura”, que publiquei na minha página da **Tribuna**.

### CURIOSIDADES DE UMA ÉPOCA — XXIII

## “KANDER & DESCHNER” (Década dos 20s).

S. C. Wahle

A firma Kander & Deschner ficava situada na casa do Sr. Freygang, esquina da Rua 15 de Novembro com a então Travessa Espírito Santo. O Senhor Rodolfo Kander era o principal executivo, enquanto, o senhor Deschner era o homem das escritas. A firma tinha como finalidade principal vendas por atacado de fazendas e tecidos não só, para Blumenau, como também para o interior do Estado de Santa Catarina.

Esta empresa foi uma verdadeira escola para os moços de Blumenau.

Diziam, os moços da época, que era preciso ter-se trabalhado com o Sr. Kander para estar-se preparado para a vida.

Neste empreendimento enfrentava-se uma organização administrativa e comercial moderna e racionalizada. Exigia o Senhor Kander que os seus funcionários aparecessem bem trajados e barbeados.

Dizia o meu pai, que era fornecedor de artigos para escritórios e impressos, que o senhor Kander, além de ser um homem extremamente capaz, era muito exigente e severo com os que trabalhavam com e para ele, e que a firma dele estava fazendo escola em Blumenau. É preciso considerar a primitividade da época.

Uma carroça grande com toldo de lona e reforçada, daquelas usadas pelos pioneiros americanos, puxada por 6 cavalos, era a viatura de transporte que levava o produto das vendas para o interior de Santa Catarina, principalmente ao longo do vale do Itajaí indo até Lages. O cocheiro desta carroça era um senhor Janisch, que para levar as cargas até o seu destino ausentava-se de Blumenau em média uma semana ou mais. Geralmente partia numa segunda-feira e retornando às sextas-feiras.



## O ARQUIVO HISTÓRICO REVELA:

### Ata de fundação da Loja Maçônica "Fraternidade Blumenauense n. 6"

Ao primeiro dia do mês de setembro de mil novecentos e cinquenta e dois, às vinte horas, a pedido do senhor Hellmuth Lauterjung, reuniram-se, à Rua Dr. Nereu Ramos, 49 — 1º. andar, nesta cidade de Blumenau, os senhores HUGO ROEPCKE, brasileiro, casado, funcionário público — WILHELM POERNER, brasileiro, casado, comerciante — JÚLIO ERNESTO GROSSENBACHER, brasileiro, casado, comerciário — WILHELM THEODOR SCHUERMANN, brasileiro naturalizado, casado, comerciante — RAUL LAUX, brasileiro, casado, industriário — OSCAR BREMER, brasileiro, casado, farmacêutico — HEINRICH ZIMMERMANN, brasileiro naturalizado, casado, cirurgião — dentista — HELLMUTH LAUTERJUNG, brasileiro, casado, comerciário — BERNARDO RAUTT, brasileiro, casado, funcionário público e CARLOS MENDES DE AZEVEDO, português, desquitado, industriário, todos maçons ativos e pertencentes ao quadro social das Lojas Maçônicas "Acacia Itajaiense n.º. 10" (os primeiros nove) e — "Filantropia e Ordem", do Rio de Janeiro, as quais trabalham sob os auspícios das Grandes Lojas Simbólicas do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, respectivamente, a-fim-de tratar da fundação de uma sociedade beneficente, em conformidade com as leis e princípios fundamentais dos maçons antigos, livres e aceitos (MM.: AA.: LL.: AA.:).

Abertos os trabalhos, foi organizada a seguinte

#### ORDEM DO DIA

- 1º. Fundação de uma Loja Maçônica, sua denominação, fins, sede e duração;
- 2º. Da administração da Sociedade;
- 3º. Eleição da diretoria provisória;
- 4º. I ocação do segundo andar do Edifício Steinbach e
- 5º. Diversos.

Abordando o primeiro ponto da ordem do dia, foi, pelo senhor Hellmuth Lauterjung, exposto aos presentes a necessidade de fundar-se uma Loja Maçônica nesta cidade de Blumenau. Depois de amplamente discutido o assunto e após se terem manifestado todos os presentes, ficou resolvido, por unanimidade, fundar-se, sob a denominação de "Loja Maçônica Fraternidade Blumenauense", nesta cidade de Blumenau, Estado de Santa Catarina, uma associação civil, com sede e fôro na mesma, destinada à prática da beneficência, da caridade e à ilustração e instrução de seus membros, dentro dos elevados princípios da maçonaria universal. A duração será por tempo indeterminado, sendo-lhe vedada qualquer atividade com fins políticos, religiosos e raciais.

Prosseguindo, tratou-se do segundo ponto da ordem do dia, ou seja da administração. A Sociedade será administrada por uma diretoria eleita anualmente pelos seus membros e composta de tantos membros quantos sejam fixados pelos estatutos e cujo presidente representará a sociedade em juízo e em suas relações com terceiros.

Os estatutos da sociedade somente poderão ser reformados em Assembléia Geral Extraordinária, especialmente convocada para este fim.

Em caso de dissolução da sociedade, o patrimônio da mesma será destinado à associações de caridade idôneas, cabendo a escolha destas aos membros remanescentes da Loja.

A seguir, em cumprimento ao terceiro ponto da ordem do dia, foi eleita, por escrutínio secreto, a diretoria provisória desta sociedade, que ficou composta dos seguintes senhores:

Presidente: HELLMUTH LAUTERJUNG; — Secretário: BERNARDO RAUTT; — Tesoureiro: — JÚLIO ERNESTO GROSSENBACHER.

Continuando, abordou-se o quarto ponto da ordem do dia e depois de terem falado a maioria dos presentes, ficou resolvido que deveria ser alugado, pelo praso de dois anos, o segundo andar do Edifício Steinbach para a instalação desta Loja.

A seguir foi facultada a palavra quem dela quisesse fazer uso. Resolveu-se a convocação de uma Assembléia Geral Extraordinária para o dia oito de setembro de mil novecentos e cinqüenta e dois, vinte horas, para aprovação dos estatutos desta sociedade, com cuja elaboração ficou encarregada a diretoria provisória, e a eleição da diretoria definitiva.

Como ninguém mais se manifestasse, foi encerrada a sessão, da qual eu, BERNARDO RAUTT, lavrei a presente ata, que depois de lida e aprovada, vai assinada por todos os presentes. (Segue-se a assinatura dos presentes):

Blumenau, primeiro de setembro de mil novecentos e cinqüenta e dois.

HELLMUTH LAUTERJUNG — M.: M.: (Acacia Itajaiense nº. 10)  
HUGO ROEPCKE — M.: M.: (Acacia Itajaiense nº. 10)  
WILHELM POERNER — M.: M.: (Acacia Itajaiense nº. 10)  
CARLOS MENDES DE AZEVEDO — M.: M.: (Filantropia e Ordem)  
BERNARDO RAUTT — M.: M.: (Acacia Itajaiense nº. 10)  
JÚLIO ERNESTO GROSSENBACKER M.: M.:  
(Acacia Itajaiense nº. 10)  
WILHELM THEODOR SCHUERMANN M.: M.:  
(Acacia Itajaiense nº. 10)  
RAUL LAUX — M.: M.: (Acacia Itajaiense nº. 10)  
OSCAR BREMER — M.: M.: (Acacia Itajaiense nº. 10)  
HEINRICH ZIMMERMANN M.: M.: (Acacia Itajaiense nº. 10)

# HISTÓRIA ROMANCEADA DE HERMANN BRUNO OTTO BLUMENAU, NA ALEMANHA

— De farmacêutico a colonizador —

2º VOLUME

Nemésio Heusi

(Continuação do número anterior)

— Tens toda razão filho, um homem culto impõe mais respeito, sem dúvida, e melhor desempenharás tuas funções, quanto mais se forem elas de liderança.

Reinhold chegou-se para perto do tio quando todos se levantaram e segurando em seu braço falou-lhe feliz:

— Tio! Eu já tenho o consentimento de meus pais para ir com o senhor para sua colônia, quando é que vai por em execução seus planos?

Emilie e o marido chegaram-se aos dois e foi Johann Gartner quem falou:

— Já sei Blumenau porque Reinhold te isolou dos demais. Ele, de fato, como também Vitor, tem o nosso consentimento de irem para tua futura colônia, meu cunhado...

— Fico muito Alegre Johann, por esta prova de confiança, e Emilie o que, finalmente, nos diz?

— Ora meu irmão, eles são maiores, já homens, o pai se entusiasmou com teus planos, confio plenamente nas atitudes de meu marido que sempre quis o melhor para nossos filhos, mas ... como mãe sinto a separação deles para um lugar tão longe e perigoso...

— E por que vocês dois não vão junto com os filhos?

— Impossível no momento...

— Mas Johann, temos ainda no mínimo quatro a cinco anos até que se dê início a colonização!

— Eu não posso deixar nem papai nem mamãe, Blumenau, eles estão começando a envelhecer e Johann também não pode deixar seus pais que estão bem mais velhos que os nossos e não sou eu Blumenau, que vou me meter no mato, no sertão de um país que nem conheço!

— Muito bem, então. Agradeço desde já a prova de confiança de vocês, Reinhold acompanhará os meus primeiros colonos, está bem Reinhold?

— Puxa tio! Para mim será uma grande honra chegar à colônia comandando os primeiros colonos. Assim vou entrar para a história da colônia como um dos pioneiros, não é tio?

— Que Deus te ouça meu querido sobrinho, que tal aconteça!

Blumenau passou uns dias com Agnes e Gotter, em Brunswick, foi a Biesenrode visitar Julios, voltou a Hasselfelde para passar mais uns dias com os pais e Emilie, embarcando depois, diretamente, para Munique, para o encontro com Martius.

Na hora de se despedir de sua velha mãe ela quis saber da sua antiga mouquize, e se havia melhorado seus ouvidos, pois a ela lhe parecia que ele estava ouvindo melhor.

— Tenho a impressão meu filho que estás ouvindo melhor, melhoraste de tua surdez?

— Não, continuo o mesmo, apesar de tão logo ter sido aprovado em farmácia percorrer a pé de mochila às costas, numa longa caminhada através da Boêmia, Alta Áustria e Salzburgo, até Gasten, cuidando ao mesmo tempo, de balde, porém, de encontrar, nos balneários, um remédio contra minha surdez. Vaguei pelos Alpes, chegando até Heiligenblut, aos pés do Grossglockner desisti de galgar a montanha por falta de dinheiro, mas continuei na minha peregrinação colhendo alguns vegetais e muitos minerais bonitos, passei por Saalfelden e passei sobre o Danúbio, atravessei as florestas bávaras e a Serra de Fichtel, em demanda a Erfurt, de onde depois vim até aqui na época que papai foi nomeado conselheiro florestal.

— Eu sei filho, me lembro de tudo isso, mas eu quero saber se melhoraste depois de toda essa andança e sacrifícios, não só de tua surdez como de tua miopia.

— Não minha mãe, não houve melhora e essas mazelas me acompanharão pelo resto de minha vida, segundo os médicos.

## O ENCONTRO COM MARTIUS

### I

Antes de viajar a Munique, Blumenau verificou bem se as duas cartas de apresentação, para Martius, estavam com ele, abriu sua pasta e a primeira que examinou foi a de Humboldt e a outra de Sturz.

Em chegando a Munique foi, diretamente, depois de deixar a sua bagagem num modesto hotel, para a Universidade, saber como poderia encontrar Martius, tão logo se matriculasse no curso de botânica.

— Agora que já me matriculei — falava Blumenau com o secretário da Universidade — no curso de botânica do professor Martius, gostaria de ter uma entrevista com ele. Tenho comigo cartas de apresentação de dois de seus amigos: o Barão Humboldt e o cônsul brasileiro Sturz.

— Vou conversar com o professor Martius e ele, provavelmente, indicará o melhor local para o encontro. Já que se trata de duas cartas de amigos seus, acredito que ele o receberá em sua casa, mas, passe aqui amanhã pela manhã e lhe direi, exatamente, o local do encontro, está bem?

— Ótimo! Muito obrigado e até amanhã.

Naquela noite depois de Blumenau ter andado um pouco no centro de Munique, foi cedo para o hotel, afim de recapitular bem todo o assunto da entrevista, já que queria tirar o máximo proveito dela, para melhoria de seus planos colonizadores, de tudo que lhe pudesse informar Martius sobre o Brasil.

No dia seguinte, o encontro, segundo o secretário, foi marcado para aquela noite na residência do professor.

Eram oito horas da noite, quando com o endereço na mão, tocou a campainha da casa do professor e nervoso aguardou que alguém o atendesse, em pouco sentado na biblioteca aguardava a chegada de Martius.

Assim que ele entrou na biblioteca, levantou-se e entregou-lhe depois dos cumprimentos, as duas cartas e esperou a reação do professor.

Martius com toda atenção e, vagarosamente, leu as cartas e em seguida, sentando-se, pediu a Blumenau que sentasse também.

— Como vai o Barão Humboldt? É o nosso ilustre cônsul Sturz, sempre vibrante e o eterno enamorado do Brasil!

— O sr. cônsul é, de fato, um entusiasta do Brasil e muito me animou para colonizá-lo, bem como o sr. Barão Humboldt. Ambos lhe mandaram, professor Martius, um afetuoso abraço.

— Muito obrigado sr. Blumenau. Mas, vamos então ao que lhe trouxe aqui. Gostaria de ouvi-lo quanto aos seus planos e as razões que o levaram a tal desiderato. Esteja à vontade, e não se preocupe com o relógio, sr Blumenau.

Blumenau, como de hábito, foi calmo, preciso e durante longo tempo, sempre ouvido, com a máxima atenção por Martius, expressou-se, brilhantemente, num assunto que muito gostava de falar: colonização.

Ao terminar ouviu do professor os maiores elogios de suas intenções, mas, uma pergunta curiosa:

— Acha o sr. Blumenau que, de fato, o governo alemão não se preocupa com este fantástico êxodo emigratório?

— A resposta, professor Martius, está na grande massa humana que, anualmente, deixa a Alemanha em busca de novos lares, em países estrangeiros, notadamente, na América do Norte.

— Interessante, como, eu, tenho a impressão que a grande maioria dos alemães, não se apercebe desta verdade, segundo o amigo que é estudioso e bem conhece este problema emigratório! Como é lamentável, sr. Blumenau, tantas perdas de homens que poderiam produzir em nosso país e vão fazê-lo, enriquecendo outros países, muito lamentável, mesmo!

— Eu venho alertando a opinião pública alemã para a gravidade deste assunto, bem como o próprio governo, mas, infelizmente, prego no deserto.

— É! É como bem disse no desenrolar de sua explanação, que a nossas constantes agitações políticas, divisões internas só nos separam, dividem e nos desunem, levando nossos patricios à fuga, em busca de tranqüilidade e paz, onde possam trabalhar e progredir, como objetivo supremo de todo ser humano.

— Professor Martius, e o Brasil, qual a sua opinião sobre este jovem e grande país?

É um grande país em busca de seu destino social, político, eco-

nômico e étnico, uma nação em plena formação cultural para solidificação de seu destino histórico. Em recente correspondência recebida de amigos meus brasileiros, neste ano de 1845 o jovem Imperador brasileiro Dom Pedro II, cujo casamento de seu ilustre pai, Dom Pedro I, com a Arquiduquesa Leopoldina, levou-me ao Brasil em companhia de Spix, fazendo parte da comitiva oficial que foi assistir tão notável casamento real, chegando ao Brasil em junho de 1817 e nele permanecendo durante três anos, percorrendo-o e estudando sua fabulosa e rica natureza, onde estão as mais extraordinárias florestas que se possa imaginar sobre o universo!

— Meu pai, que estagiou com o professor por um ano, tem toda sua bela literatura sobre a flora brasileira, na biblioteca do Horto Florestal de Hasselfelde e onde é Conselheiro Florestal.

— Qual o nome de seu pai, sr. Blumenau?

— Karl Blumenau.

Martius pensou um pouco e respondeu lamentando-se:

— É uma pena, não me recordo, sinceramente, do nome de seu pai, são tantos os alunos e estagiários que não me será possível guardar o nome de todos, lamento sr. Blumenau!

— Ora! Não tem importância, professor. Mas, há pouco o professor se referia ao ano de 1845 e de correspondência que recebeu do Brasil...

— Ah! ... Sim, sim é muito interessante, veja bem. Este ano, o ano que estamos vivendo, o jovem Imperador Dom Pedro II, que aliás é, segundo me informaram, uma criatura sedutora e inteligentíssima, jovem ainda com apenas vinte anos, belíssima cultura, tenho cartas suas maravilhosas, mas, como falava, este ano, ele teve uma vitória política fabulosa, pacificou o Brasil, depois de uma luta ferrenha de cunho federalista que durou dez anos e, em cujo período, ouça bem sr. Blumenau, foram proclamadas duas repúblicas. Veja o alcance político, sr. Blumenau da vitória de Dom Pedro II, proclamarem duas repúblicas, em pleno Império Brasileiro e, finalmente, terminarem pacificados, os brasileiros, com a grande ajuda militar do Duque de Caxias, um dos mais valorosos soldados brasileiros da atualidade.

— Quer dizer que o sonho republicano brasileiro é latente, professor?

— Sem dúvida, mas... não será para nossos dias, talvez o senhor no fim de sua vida assista a proclamação da república brasileira, ainda teremos de Império alguns bons anos.

A Coroa Portuguesa cometeu um grave erro histórico, vejamos: A primeira conspiração séria de caráter liberal e republicano foi a chamada "Conspiração Mineira" de 1789, extamante quando aqui na Europa, na França, tivemos também a célebre "Revolução Francesa", mas, como falava, a conspiração brasileira teve como chefe, Joaquim José da Silva Xavier, o chamado e célebre mártir e herói brasileiro Tiradentes.

O alferes Tiradentes assumiu, totalmente, a responsabilidade da conspiração, livrando da força muitos de seus companheiros, sendo

ele, apenas o enforcado. Aí, é que se configura o grande erro histórico da Coroa, não pelo enforcamento em si, mas, pelo bárbaro e desumano esquartejamento, o que revolucionou e chocou, profundamente, o povo brasileiro de índole pacifista e sentimental.

Blumenau que tudo ouvia silencioso comentou:

— Conheço bem a história brasileira e, de fato, este episódio foi brutal demais!

— Não só brutal, como acendeu a chama da liberdade, que se alastrou por todo império, e aí estão, causas e razões, das duas Repúblicas proclamadas, como há pouco me referi, e muito bem sabe Dom Pedro II, como brasileiro, que ela jamais se apagará nos corações dos brasileiros.

Aliás, o longo período de colonização que a Coroa Portuguesa impôs ao Brasil por três séculos, sugando-lhe toda sua fabulosa riqueza em benefício da Coroa, sem nada dar em troca para a própria colônia brasileira, haja visto que o terrível terremoto que assolou Lisboa em 1755 teve sua total recuperação e reconstrução feita com recursos oriundos do Brasil. Não só em ouro, esmeraldas e outros minerais preciosos, como em madeira, enfim, tudo o que a colônia brasileira produzia era remetido para ser restaurada Lisboa, assolada pelo terremoto.

Tudo isso foi acirrando os ânimos dos brasileiros contra os portugueses, até que finalmente, a colônia brasileira sentiu o bafejo de algum progresso e benfeitorias de ordem social e econômica, isto somente em 1808, quando Dom João, expulso por Napoleão, foge com toda sua Corte para sua abandonada colônia de Além-Mar. Estou sr. Blumenau rememorando alguns fatos históricos para que o sr. sinta, em leves traços, a estrutura sócio-cultural do povo brasileiro, que até a sua Independência era formada, em grande parte, de mulheres, negros escravos e índios, e uma pequena minoria de brancos. No entanto, é uma raça de gente viril, trabalhadora, extremamente sentimental, e de arraigado sentimento cívico, e bem inteligentes, em resumo: um povo de se viver e conviver, como eu convivi durante três anos admiráveis, sobretudo, meu caro sr. Blumenau, felicito-lhe por ter escolhido o Brasil, para colonizá-lo!

— Professor Martius, qual a zona territorial que o professor aconselha para colonizá-la?

— Há aproximadamente vinte anos procuraram-me alguns patrícios nossos para que informasse qual a zona brasileira ideal para colonização. Alguns anos depois, soube por correspondência de um de seus líderes que eles haviam optado pelo Rio Grande do Sul, e haviam fundado uma colônia alemã em São Leopoldo com grandes festas a 25 de julho de 1824, o sr. Blumenau, tem conhecimento dela?

— Sim, já li alguma coisa sobre essa colonização e naturalmente quando no Brasil irei visitá-la, sem dúvida.

— É! É muito interessante conhecê-la, aliás, a Província de Santa Catarina é muito interessante também, mas, diga-me caro sr. Blumenau, como quer escolher o local, quais suas intenções sobre a

localização, se, perto do mar, se, em planaltos, diga-me, fale-me sobre o assunto?

— Prefiro bem no sertão, longe, como já lhe falei há pouco, das cidades, aldeias e lugarejos; de fácil comunicação fluvial com o oceano e as margens de um rio navegável de forma que haja comunicação fácil por mar não só com o resto do Brasil, como do Mundo.

Martius ficou pensando, recordando por algum tempo e depois lembrou-se de um lugar que supunha ideal para Blumenau; e muito o impressionara quando o visitou na sua peregrinação científica pelo Brasil. Ficava, exatamente, na Província de Santa Catarina, era o Vale do Itajaí-Açu cujo majestoso rio tinha a extensão de 240 quilômetros, banhando terras férteis por toda sua longa e fecunda distância.

— Entre muitos vales ubérrimos, quer nas planícies costeiras ou nos altiplanos da grande e imponente Serra do Mar, situa-se o Vale do Rio Itajaí-Açu, cujo rio deu o próprio nome do rico e fértil vale, de um verde maravilhoso que impressionou-me, profundamente, pela sua beleza natural coberto de tensas e ricas árvores gigantes, diversificada nas mais variadas espécies florestais. Visite-o, sr. Blumenau, porque me parece o local ideal para sua colônia, dentro dos moldes originais a que se propõe realizar num futuro próximo.

É lógico e evidente que o Brasil é um país extraordinariamente pródigo de terras ricas, imensas florestas entre elas a maravilhosa Floresta Amazônica, única em todo o mundo e de uma riqueza incalculável. É sem dúvida, sr. Blumenau, o Brasil um país de grande e extraordinário futuro e eu lhe felicito pela sua acertada escolha e acredito, terá êxito na sua colonização, se não se afastar de seus nobres propósitos. Porém não se iluda, meu jovem, terá muitas e inúmeras dificuldades, mesmo porque, sendo o Brasil um rico país, é imensamente pobre em recursos financeiros. A ajuda governamental que, fatalmente, irá precisar, não lhe será fácil, antes pelo contrário, difícilíssima. Previna-se desde já, com estas dificuldades que irá encontrar, procurando recursos através de meios financeiros particulares, ou mesmo, estruturando uma sólida sociedade para os fins colonizadores a que se propõe, porque será lamentável se não realizar seus maravilhosos planos já idealizados. Confesso-lhe muito, mas muito mesmo, impressionaram-me, meu caro e jovem amigo, se é que me permite assim chamá-lo!

— Ora professor! A sua deferência só me envaidece e me orgulha e agradeço-a de todo meu coração.

— É muito bonito meu jovem, quando se vê uma criatura na sua idade querer assumir tamanha responsabilidade! Sois sem dúvida, meu caro, um ser imbuído dos mais nobres e sinceros ideais, e a nós, os mais velhos, logicamente os mais experientes, sabendo avaliar o valor e a grandeza de seus propósitos e é nosso dever incentivá-lo e enobrecê-lo porque nosso estímulo encorajará suas conquistas!

(Continua)



# BLUMENAU: UM LEGADO HISTÓRICO

Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart.

Por volta de 1844 Hermann Otto Blumenau, em contacto com Cônsul Geral do Brasil em Londres, toma conhecimento das riquezas naturais, da fertilidade e imensidão das terras brasileiras aptas para nelas se desenvolver um projeto de colonização.

Com estudos superiores por terminar, o jovem Blumenau desejava que estava em saber da natureza de outros países e interessado no "(...) problema patriótico da Alemanha, no sentido de dirigir a então numerosa emigração de braços produtivos a países futuros e saudáveis (...)" (1), retorna à Alemanha. Estagiando na Universidade de Erlangen, seria outorgado com o título de Doutor em Filosofia.

Em seguida, aceita a proposta da Sociedade Protetora da Emigração Alemão: visitar o Brasil, tendo como objetivos da viagem:

a) proceder a um estudo sobre as condições das terras devolutas que se apresentassem ideais para a colonização com imigrantes alemães;

b) estabelecer negociações com o governo imperial brasileiro, com a finalidade de conseguir a concessão de terras para a devida colonização.

Assim, o jovem audacioso dr. Blumenau viajou ao Brasil em abril de 1846, devidamente autorizado pela citada Sociedade que havia sido formada em 1845, em Hamburgo, com capital de 22 firmas comerciais e bancárias, as quais participaram do estabelecimento de colônias agrícolas no Brasil.

Após dois meses de viagem, aportou no Rio Grande do Sul, em cuja província começaria sua viagem visitando, inicialmente, Porto Alegre e depois, a colônia alemã de São Leopoldo.

Entre ida-e-vindas, o dr. Blumenau, em abril de 1847 ao Desterro e em seguida dirigiu-se a São Pedro de Alcântara, igualmente colônia, fundada com imigrantes alemães. O resultado de suas andanças colocou em relatório minucioso e cuidadoso aliás, essa foi a tônica sempre presente nos relatórios futuros que apresentaria, mesmo após a concretização maior de seu ideal: o estabelecimento de sua colônia. Tal perfeição possibilitou, a muitos historiadores e estudiosos, valiosas fontes informativas para a elaboração da história sobre a tão decantada BLUMENAU.

Em 26 de março de 1848 o dr. Blumenau encaminhou à Assembléia Legislativa de Santa Catarina um requerimento no qual apresentava pormenores de seu projeto de colonização, "(...) no qual se lizongéa trazer a esta bella Província algumas vantagens. (...) A Companhia não pretende chamar a sua obra em questão, puramente philantropica, comtudo espera aliviar as tristes circunstâncias de muitas famílias honestas, más indigentes da Allemanha, porém repu-

dia ao mesmo tempo energicamente a imputação de prosseguir huma mera especulação pecuniaria para enriquecer-se à custa do Império e dos emigrados. (...)”. Consciente de estar preparando um trabalho sério, no qual colocava todo seu empenho, o dr. Blumenau argumentava: “(...) são (os dois países) aliados naturais pelo destino, achando o Brasil para os seus produtos o mercado mais desembaraçado e lucrativo na Allemanha, que não possui colônias próprias e recebendo della os braços laboriosos e manufactos de que carece”. (2)

É conhecido o fracasso da implantação do núcleo de São Pedro de Alcântara, devido à acomodação inicial do grupo que se dirigira àquele local, em condições precárias. “A assistência por parte do Governo constava dos papéis de propaganda e não passará disto. Ficou, desta forma, o recém-criado núcleo no mais doloroso desamparo”. (3) Assim, embora as propostas de colonização então apresentadas fossem consideradas como excelentes, não foram aprovadas em sua totalidade, tendo a Assembléia — depois de vários estudos e resalvas, deferido o pedido a 3 de abril de 1848 “(...) mediante a concessão de duas partes de terras, cada uma de cinco até seis léguas quadradas de terras devolutas à Sociedade aludida, podendo seu representante colher as terras onde as houvesse conveniente” (4).

Antes de ser sancionada essa resolução pelo Presidente da Província, Antero José Ferreira de Brito, o dr. Blumenau recebeu a comunicação da dissolução da Sociedade Protetora de Emigração Alemã em Hamburgo. Requereu, então, ao governo da Província, a transferência da concessão de terras à Sociedade. Seu pedido foi deferido: autorizava ao dr. Blumenau dar início à medição e demarcação de dois distritos da colônia no sul do rio Itajaí, a fim de lá instalar os colonos.

O pensamento de fundar uma colônia planejada por ele mesmo, levou-o a uma sociedade com Fernando Hackradt, com quem deu início à colonização; compraram terras em 1848, escolhendo as situadas acima da foz do confluente **Velha**, nas duas margens do Rio Itajaí-Açu e na foz e vale do Itajaí-Mirim.

Depois da compra de terras, dr. Blumenau seguiu para o Rio Grande e dali viajou, a 8 de dezembro de 1848, para a Europa. “Aqui, na Allemanha, desenvolveu intensa atividade em prol da colonização em geral e, particularmente, de sua fundação no Itajaí. (...) Em fins de março de 1850 regressou ao Brasil muito mais esperançoso do que, meses antes, acreditara possível, isso porque seu sobrinho ficara certo de, em junho seguinte, acompanhar cerca de vinte pessoas que desejavam estabelecer-se em sua Colônia” (5).

Com efeito, sabendo que a progaganda que desenvolvera anteriormente talvez não alcançasse o efeito imediato, feita que foi na divulgação pura das privações e sacrificios que esperavam pelos colonos no novo país, Blumenau propôs ao Governo Imperial uma propaganda em termos oficiais, a fim de atrair um maior número de colonos. Solicitou também uma ajuda financeira, afinal concedida.

A 10 de junho, conforme haviam combinado o dr. Blumenau e seu sobrinho Reinhold Gärtner, partiam de Hamburgo os primeiros

imigrantes com destino à nova colônia, a bordo do navio à vela "Christian Mathias Schroeder".

Depois de noventa e um dias aportaram em Santos e dali seguiram para Desterro. Um navio costeiro os trouxe ao porto de Itajaí e daí até a embocadura do rio Belchior. Desse lugar ao de destino seguiram os imigrantes em uma balsa feita com duas canoas, chegando — finalmente —, a 2 de setembro de 1850 ao local da colônia. Posteriormente, essa data foi reconhecida como a da fundação da cidade de BLUMENAU.

É de se notar que o próprio Reinhold Gärtner encabeçou a lista dos imigrantes. Tinha 26 anos, era solteiro e lavrador. Aliás, dos 10 imigrantes (chefes de famílias ou solteiros) entrados, só três eram casados, tendo dois vindo com suas esposas (2) e filhas (duas e três respectivamente) — num total de 17 pessoas chegadas.

Foram esses os primeiros imigrantes:

Reinhold Gärtner; Francisco Sallentien (24 anos, lavrador); Paulo Kellner (23 anos, lavrador); Julio Ritscher (22 anos, geômetra tendo, em 1854 ido para o Rio de Janeiro); Guilherme Friedenrich (27 anos, alveitar — este veio com a esposa Mina, de 24 anos, e filhas Clara, de 2 anos e Alma, com 2 para 4 anos); Daniel Pfaffendorf (26 anos, carpinteiro — morreria afogado a 22 de fevereiro de 1852); Frederico Geier (27 anos, marceneiro — foi embora a 3 de fevereiro de 1851 para o Rio de Janeiro); Frederico Riemer (46 anos, charuteiro); Erich Hoffmann (22 anos, funileiro — estabeleceu-se no Rio de Janeiro); André Kohlmann (52 anos, ferreiro — casado, veio com a esposa Joanna, de 44 anos, e filhas Maria, com 20 anos e Christina, com 17 anos); André Boettscher (22 anos, ferreiro — tendo-se estabelecido com Kohlmann, no Arraial do Pocinho).

Segundo registros, oito desses colonos provinham da Prússia, três de Brunswick, um de Hannover, um da Saxônia, um de Holstein. Sobre a esposa e filhas do prussiano Friedenrich não há anotações de origem.

A procedência dos imigrantes nessa e nas levas seguintes assinalaria uma particularidade, devido ao seu estabelecimento numa região — a do Vale do Itajaí (Blumenau e Brusque) e numa região próxima — a do vale do Cachoeira (Joinville), com a determinação dos tipos preponderantes, que acabaria por caracterizar o "alemão" ou o "galego", como ficariam sendo conhecidos os homens claros no extremo-sul do Brasil:

— o foco setentrional da Alemanha (Hannover, Westphalia, Brandenburgo, Holstein, Pomerânia) nos daria o tipo nórdico — louros, altos, de 1 m e 70 cm, olhos azuis; presentes em Blumenau e Joinville);

— a região sul da Alemanha, nos daria o elemento de cabelos e olhos castanhos, estatura média;

— o foco do leste (Prússia Oriental e Silésia), daria o tipo louro, com cabelos de um loiro esmaecido — comparado às espigas de milho, e olhos azuis "da cor-do-céu" (Brusque e Blumenau).

"(...) isolados e imobilizados em vila puramente alemãs, não

podiam deixar de perpetuar a cultura alemã enquanto permanecessem naquele "habitat" em que não existiam luso-brasileiros". Do ponto de vista econômico, a imigração alemã satisfiz plenamente o Brasil e a ela se devem, em grande parte, os progressos dos Estados do extremo-sul" (6).

Se por um lado os colonos, fechados em seu meio, conservaram a cultura de origem — significativa, principalmente no idioma que falavam, e ainda falam, deve-se esse isolamento à dificuldade que encontravam para manter contacto com outros centros. Diversos costumes iriam caracterizar a presença do imigrante alemão, marcante na religião que praticavam — a protestante (ainda hoje são grandes as comunidades evangélicas nas ex-colônias, com cultos rezados em português e alemão); nas sociedades culturais ("Kulturverein") com associações de canto coral, bandas, serões culturais, teatros amadores; nas sociedades recreativas (os clubes de Caça e Tiro); nas festas de igrejas e de escolas; nos jardins primorosos e coloridos das casas; na paixão pela dança, especialmente lembrada numa valsa, polca, mazurca e chote. Porém, de todos os costumes que vivamente se conservam até os dias atuais, são as comemorações das festas de Páscoa e do Natal as mais interessantes.

Atualmente, os descendentes de alemães, já bem entrosados na vida nacional, contribuem, como o fazem há anos, com o seu trabalho para o desenvolvimento da cidade — motivo de orgulho para a própria comunidade de BLUMENAU.

---

#### Referências:

- (1) e (4) — Fragmentos de notas feitas por Theodoro Lueders, para a história de Blumenau. Do arquivo da Fundação Casa Dr. Blumenau .
- (2) — Requerimento de Hermann Blumenau aos Deputados da Assembléia Provincial, em 26-03-1848. Desterro.
- (3) — 150 anos de Imigração Alemã. Assessoria de Imprensa da Prefeitura Municipal de Rio do Sul — julho de 1974.
- (5) — "O doutor Blumenau — um colonizador alemão no Brasil", por Cristina Blumenau, in Blumenau em Cadernos — Tomo 1, nº. 5, março de 1958.
- (6) — Os dois Brasis. Jacques Lambert — Cia. Editora Nacional — São Paulo, 1967.

# Repercussões de um aniversário literário

Vilson do Nascimento

Dia 8 de junho, na Galeria Municipal de Artes (Centro de Cultura), noite de autógrafos de dois novos livros do escritor Enéas Athanázio. Motivo maior do evento: comemoração do décimo aniversário de lançamento de "O Peão Negro" (Contos) livro de estréia de Enéas Athanázio.

"Tapete Verde" (contos — Editora do Escritor — SP) e "Figuras e Lugares" (ensaios — Fundação Casa Dr. Blumenau) foram as obras autografadas por este autor natural de Campos Novos (1935) mas há quase seis anos radicado em Blumenau, onde é Promotor Público e membro do Conselho Municipal de Cultura, do qual foi primeiro presidente. "Tapete Verde" é o quarto livro de contos deste Autor. "Figuras e Lugares" (ilustrado), seu nono livro, é o primeiro publicado em Santa Catarina e está dividido em três partes: Ensaios, Reportagens e Memórias.

Diversas autoridades, escritores, poetas, intelectuais, artistas e amigos estiveram presentes ao evento que contou ainda com uma bellissima exposição de pinturas (paisagens naturais e urbanas — óleo s/tela) de autoria da artista-autodidata Irma, mãe do escritor.

Dentre os inúmeros convidados procedentes de outras cidades, destacamos o editor paulista de Enéas Athanázio, escritor Luz e Silva, diretor-proprietário da Editora do Escritor — SP; o escritor e advogado camponovense Edson Nelson Ubaldo, que recentemente lançou "Rédeas Trançadas"; e o poeta Pinheiro Neto, presidente da Associação Catarinense de Escritores.

Mas não só em Santa Catarina a literatura ficcional e ensaística de Enéas Athanázio vem merecendo atenção. Em abril passado o poeta repentista, trovador, cronista, contista e bacharel em Direito, Paulo Nunes Batista, paraibano de João Pessoa, endereçou a Enéas o "ABC Para O Peão Negro". Comemorativo dos "Dez Anos de O Peão Negro", o ABC é composto de vinte e três estrofes com sete versos cada uma. O POEMABC, impresso em livreto (à maneira de literatura de cordel) pela Fundação Casa Dr. Blumenau, foi distribuído por Enéas na noite do lançamento de seus livros. Num misto de saudação e crítica literária, assim o poeta paraibano abre o seu ABC:

Abro as janelas da mente  
e as portas do coração  
a fim de ver se recebo  
luz de alguma inspiração  
que me clareie as idéias  
pra poder falar de Enéas  
Athanázio e o seu "Peão"...

Ressaltando sempre o profundo sentido regionalista da literatura produzida por Enéas, assim o paraibano poeta (autor de oito li-

vros eruditos e populares e mais de cento e cinquenta ABCs), na estrofe de número doze instiga o nosso catarinense a prosseguir em sua caminhada:

Mostra, Enéas Athanázio,  
como nos "campos gerais"...  
catarinenses, se vive:  
os processos sociais,  
a ambiência, a natureza,  
crenças, temores, dureza  
dessas paisagens rurais...

Mas não vamos pensar que Enéas, daqui para frente, vai descansar, desfrutando louros e fruindo inumeráveis discursos e comentários apologeticos. Nada disso. Sua agenda de lançamento para o próximo ano já está completa. No decorrer de 84 Enéas pretende lançar três novos livros. "Lima e Lobato" (título provisório), o primeiro a ser lançado, consiste numa coletânea de artigos com novas informações e enfoques sobre os escritores em epigrafe. Em seguida virá "Louvação — Sim e Não", também já concluído, reunindo ensaios críticos. O terceiro, em fase de conclusão, e ainda sem título, será num novo volume de contos.

---

## LAURO SEVERIANO MÜLLER

E SUAS PRIMEIRAS RELAÇÕES COM BLUMENAU

Por Frederico Kilian

Sob este título o Rem<sup>o</sup>. Frei Stanislau Schätte O.F.M., grande conhecedor da história e gente de Blumenau, publicou no jornal "Die Volkszeitung" (Jornal do Povo) em sua edição de 23 de Agosto de 1930, um relato sobre este ilustre catarinense, do qual transcrevemos, em tradução, alguns trechos, ilustrando a vida daquele nosso contemporâneo que foi Lauro Müller, em sua juventude, talvez pouco conhecida. Relata Frei Stanislau Schätte: Lauro Müller é neto do colono Johann Müller, de Cochem, no rio Mosele, que imigrou em 1829 na recém-criada colônia São Pedro d'Alcântara. O pai de Lauro, Peter Müller, contava naquela ocasião 15 anos de idade. Este, após ter ajudado seus pais nos primeiros anos na colônia, nos afãs da lavoura, foi a procura de trabalho e o encontrou em São José e na antiga capital Desterro. Empregou-se, como embarcadiço, em pequenas embarcações a vela que faziam o tráfego marítimo costeiro entre Desterro, Itajaí e São Francisco. Como ele executava com pontualidade e esmero as encomendas de que era incumbido, para os negociantes, granjeou logo a confian-

ça de todos e não demorou muito, encontramo-lo, como comandante de veleiros que faziam fretes em viagens regulares até o porto do Rio de Janeiro. Casou-se em seguida com uma filha de Johann Adam Michels, o qual possuía em São José uma bem frequentada hospedaria. Mas, enfadado com a vida desassossegada de embarcação, deixou esta atividade e estabeleceu-se em Itajaí como negociante. Ele foi o primeiro negociante que à época da fundação de Blumenau, efetuou fornecimento dos mais variados artigos a Ferdinand Hackbart, encarregado do Dr. Blumenau a preparar o alojamento e instalação dos primeiros imigrantes. O pai de Lauro Müller foi também o primeiro a comprar os produtos da nova colônia de Blumenau.

Lauro Müller nasceu em Itajaí a 8 de Novembro de 1863 e em sua infância foi educado por seus pais no regime tradicional das famílias Müller e Michels, exemplos de dedicação e ordem. Seus pais cuidaram de lhe proporcionar, desde cedo, o amor ao estudo e ao trabalho, como era costume da família. Suas irmãs, além de terem de efetuar todos os serviços caseiros e auxiliar no negócio, tiveram também de continuar nos estudos, até sua formação como professoras. Lauro entusiasmou-se logo pelos estudos, mas não gostava do trabalho físico.

Como Lauro, frequentando a escola pública de Itajaí, não tinha oportunidade para aprender bem o idioma alemão, seu pai o levou para Poço Grande, à casa de seu tio Bernardo Haendchen, cuja esposa Gertrud, da família Müller, encarregou-se de cuidar bem do menino. Em breve aprendeu a falar o dialeto renano, que era usado pela família e ainda hoje é familiar em São Pedro d'Alcântara. Lauro demonstrou-se logo dedicado e docil, porém não era muito dado ao trabalho físico constante. Certa vez sua tia o mandou colher batatas e como Lauro demorava em voltar, a senhora Haendchen foi lá ver o que havia e viu seu sobrinho brincando trepado nas árvores, mas as batatas ainda não haviam sido colhidas o que lhe valeu ser apelidado de "menino preguiçoso". — Gostava de conversar sempre com os dois escravos pertencentes ao senhor Haendchen e quando, mais tarde, seu pai veio visitá-lo e ouviu o relato de sua irmã Gertrud, determinou logo: "Lauro terá que frequentar uma escola colonial". — Breve apresentou-se ocasião para a execução deste plano. A esposa de Heinz Krämer, de Badenfurt, que, como habil parteira era muito conhecida e solicitada em Poço Grande, Itajaí e Tijucas e era muito relacionada com as famílias Haendchen, Müller e Phil. Schmitt, prontificou-se a levar o menino Lauro a escola da comunidade de Badenfurt. A família Krämer morava no alto da colina que fica na estrada entre o ponto da balsa de Eadenfurt e a serraria do senhor Hemmer. Ali perto situava-se a escola, na qual Lauro foi matriculado e onde demonstrou grande vontade para o estudo. Era aplicado e mostrava grande dedicação obtendo na matemática e desenho sempre as melhores notas, sobressaindo-se dos demais alunos. Em casa tratava logo de fazer os seus deveres escolares e lições para o dia seguinte, submetendo-os ao controle do senhor Krämer. Decorava com facilidade poesias e era habil declamador, também de improvisos. Em pouco tempo falava correntemente o alemão, como também sabia ler e escrever corretamente nes-

se idioma; cantava e sabia contar muitas histórias e arquitetar planos juvenis. Max e Alberto Krämer e Heinrich Metzner foram seus melhores e fiéis camaradas e na escola tinha ainda como boa colega Emma Günner que frequentava a mesma classe.

Com seus colegas realizou muitas corridas, como também pescava com eles às margens do rio Itajaí-Açu ou fazia caçadas nos matos vizinhos. Regularmente fazia a caminhada a pé até a atafona de Karsten no Testo Salto e, 12 anos mais tarde, o menino que pulava sobre os sacos de milho e fubá no moinho em Testo Salto, já era Governador do Estado de Santa Catarina.

O grande estadista catarinense nunca esqueceu seus amigos de infância de Blumenau. Quando visitava esta cidade, como Presidente do Estado ou Senador, os irmãos Krämer sempre recebiam um convite especial e tinham que passar algumas horas com ele. Com eles revivia os seus tempo de infância e as horas felizes do passado. No ano de 1918, veio com grande comitiva de Itajaí a Blumenau. Em Poço Grande o vapor que o conduzia teve que atracar e o visitante e sua comitiva visitaram a família de seu primo Peter Schmitt, para tomar um bem café colonial em amavel e animada conversa. Na despedida Lauro Müller dizia ao Dr. Hercilio Luz, que o acompanhava: "Aqui tenho os meus melhores amigos". Nessa mesma viagem, quando de Blumenau se dirigia a Jaraguá, o eminente político mostrou a seu acompanhante a escola onde estudara, entrou na mesma, perguntou por seus colegas de infância, presenteando afinal a comunidade escolar com boa quantia em dinheiro.

As principais informações deste relato, diz Frei Stanislau as obteve, de duas velhinhas, viúva Peter Schmitt, de Poço Grande e viúva Brückheimer, nata Johanna Krämer, residente em Ribeirão Jararaca, Blumenau.

---

## Biblioteca «Dr. Fritz Müller» emprestou 742 livros em maio

A estatística levantada no mês de maio, na Biblioteca Pública Municipal "Dr. Fritz Müller", pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau", revela um bom número de pessoas que lá foram, durante o mês, para emprestar livros. Associando-se à Biblioteca para ter direito ao empréstimos, pagam Cr\$ 50,00 por ano e ficam de posse do livro durante o período de 15 dias. Assim, nada menos do que 742 pessoas fizeram empréstimo, sendo que o maior volume está na Literatura, onde foram emprestados 491 livros. Quanto a consultas, foram realizadas 2.174, tendo sido mais procurada a de Generalidades e Ficção, com 644, seguindo-se História e Geografia com 376, Ciências puras com 299 e Ciências aplicadas com 287 consultas.



## Prefeito Dalto dos Reis reúne clubes de Caça e Tiro

Tendo como local a sede da Sociedade Esportiva, Recreativa e Cultural Salto do Norte, realizou-se, dia 15 do corrente, a grande reunião de representantes das sociedades de atiradores de Blumenau. O encontro, presidido pelo prefeito Dalto dos Reis, acompanhado pelo vice-prefeito Paulo Oscar Baier, Secretário de Turismo sr. Antônio Pedro Nunes, teve ótimos resultados, servindo para que o prefeito Dalto dos Reis pudesse reafirmar seus propósitos de governo quanto ao apoio que vai dar às sociedades de atiradores, informando que, para tanto, estava colocando em atividade diversas pessoas que terão a incumbência de dar toda assistência aos clubes. E que todo este trabalho, estará centralizado junto à Secretaria de Turismo. Ainda desta feita, a reunião foi coordenada pelo jornalista José Gonçalves, diretor executivo da Fundação "Casa Dr. Blumenau", o qual, na presença do sr. prefeito municipal, procedeu o sorteio do clube que este ano sediará o torneio de tiro do dia 24 de julho, tendo a escolha recaído na Sociedade Esportiva Caça e Tiro Itoupava Norte.

Após a reunião ordinária, o prefeito Dalto dos Reis, o vice-prefeito Oscar Paulo Baier e o Secretário de Turismo Sr. Antônio Pedro Nunes, permaneceram ainda por algum tempo em proveitosos diálogos com os representantes dos clubes que compareceram à sede do Salto do Norte para a reunião que definiu os detalhes do XII Encontro Blumenauense de Atiradores, cujas etapas são as seguintes: Dia 24 de julho, o torneio de tiro; dia 2 de setembro, o desfile e dia 3 de setembro o grande baile.

---

## NOVO IMORTAL

---

Em sessão solene realizada na sede (auditório) da Ordem dos Advogados de Santa Catarina, no dia 24 de junho o prestigiado escritor e crítico literário Lauro Junkes tomou posse na Cadeira 32 da Academia Catarinense de Letras. Esta Cadeira, anteriormente ocupada pelo jornalista Gustavo Neves, tem por patrono Manoel dos Santos Lostada. O novo acadêmico foi saudado pelo crítico, também acadêmico Nereu Correa.

Considerado um dos melhores e mais prolíferos críticos literários catarinenses, Lauro Junkes, além do prestígio conquistado junto à elite intelectual, tem se destacado ainda pelo apoio e estímulo dados aos novos escritores catarinenses.

**Lauro Junkes** — nasceu em Antônio Carlos a 9 de março de

1942. Fez seus estudos — médio e secundário — com os padres franciscanos, obtendo sólida base clássico-humanística. Desde os tempos ginasiais escrevia muito e sempre sobressaiu na direção ou redação de revistas internas.

Tem os seguintes cursos superiores: Bacharel em Filosofia, Licenciado em Letras e Bacharel em Direito. Concluiu Mestrado em Letras-Literatura Brasileira e está partindo para o Doutorado. É professor de Graduação e Pós-Graduação na Universidade Federal de Santa Catarina, onde exerce também, há quatro anos, os cargos de vice-diretor do Centro de Comunicação e Expressão e de membro titular do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. Preside há vários anos a Comissão Julgadora dos Concursos de Poesia, Crônica e Conto, além de integrar a Comissão Julgadora do Concurso Literário (Poesia e Con.) da Secretaria da Educação (1978) e da Fundação Catarinense de Cultura (1979), bem como do Concurso de Literatura Infantil da Lunardelli (1979).

Além de inúmeros cursos de extensão, frequentados ou ministrados, na área de Literatura, especializou-se em História, Análise e Crítica Cinematográfica na PUC, e Porto Alegre e na Escola Superior de Cinema de Belo Horizonte. Antes de dedicar-se exclusivamente aos estudos literários, manteve durante anos uma coluna de crítica cinematográfica.

Ultimamente vem concentrando seus estudos sobre a Literatura feita em Santa Catarina, sendo hoje reconhecido como o mais profundo conhecedor deste ramo. Crítico ativo e sempre atento, tem cerca de duas centenas de artigos e ensaios sobre a matéria publicados em jornais locais, como: *Jornal de Santa Catarina* e *O Acadêmico* (Blumenau), *O Estado* e *A Gazeta* (Florianópolis), ou nacionais, como: *Suplemento Literário de Minas Gerais*, *Caderno de Sábado do Correiô do Povo* e outros. Na qualidade de representante da UFSC, participou como debatedor do IV Congresso Brasileiro de Crítica Literária, realizado em 1977 em Campina Grande — PB.

Entre suas maiores publicações, além de várias apresentações de livros de autores catarinenses, constam: *As Visões do Narrador em O FORTE* de Adonias Filho e *A Trajetória de uma Cosmóvisão* (tese de Mestrado — edição do autor de 110 exemplares, 1976); *O ponto de vista narrativo* (longo ensaio de classificação) publicado na revista *Construtura* n.º 13, 1977, PUC-PR; *Antologia Poética de José Elisiário da Silva Quintanilha* (organização e estudo introdutório), *Governo do Estado*, 1978; *Contistas e Cronistas Catarinenses* (participação) — Lunardelli 1979; *A Narrativa Cinematográfica*, edição do autor, 1979; *Português Pré-Pós Vestibular* (co-autor) — manual de Português para nível superior com base em textos catarinenses (1980); *Escritores do Brasil* — 1980 (participação); "Presença da Poesia em Santa Catarina", Editora Lunardelli — 1980.

— DIA 5 — Comemorando dez anos de lutas em prol do Meio Ambiente, a Associação Catarinense de Preservação da Natureza — ACAPRENA, — realizou solenidade especial no Anfiteatro da FURB, às 20.00 horas, contando com a presença do professor Herbert Otto Roger Schubart, vice-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia.

— DIA 6 — A imprensa noticia com destaque a ação de fiscalização realizada pela Inspeção Regional do Vale, do IBDF e da FAT-MA, tendo capturado nada menos do que sete armas de fogo e dez peles de animais caçados. Os caçadores também estão sujeitos às penalidades da lei. A fiscalização realizou-se nos municípios de Blumenau, Indaial e no distrito de Apiúna.

— DIA 11 — Relatório encaminhado pela chefia do Serviço de Trânsito à Secretaria de Obras e Serviços Urbanos, disse que foram registrados no mês de abril de 1983 um total de 252 acidentes de trânsito, dos quais 87 pessoas resultaram feridas, sofrendo lesões e três morreram. No mesmo período, o Serviço de Trânsito registrou 198 laudos periciais e 54 atestados de ocorrência.

— DIA 12 — O Professor Lauro Eduardo Bacca, Assessor Especial do Meio Ambiente, entregou ao prefeito Dalto dos Reis um relatório de atividades daquele órgão referente ao mês de abril, no qual destaca os trabalhos de fiscalização da Flora e Fauna, assim como o Controle da Poluição. O documento revelou que, através do Controle da Poluição, foram vistoriadas 74 oficinas no Município, 10 vistorias em portos de areia e 24 indústrias. Foram retiradas nove placas, painéis e faixas situadas em locais impróprios. A Assessoria registrou 11 reclamações e aplicou uma multa, tendo analisado três processos. Procedeu oito fiscalizações de caca, analisou 20 processos de loteamentos, 71 de terraplanagem e autorizou 46 cortes de árvores, assim como 31 vistorias diversas, além de ter realizado 61 visitas a alunos nas 20 escolas municipais possuidoras de hortos florestais.

— DIA 15 — No dia 15 de maio de 1983 dona Mathildes Angelina Junkes inciou suas atividades de enfermeira no Hospital Santa Isabel. Neste dia 15 de maio, ao registrar seus 50 anos de serviços prestados e, com a idade de 79 anos, dona Mathildes foi homenageada com uma placa alusiva ao acontecimento, um almoço festivo e missa festiva na capela do Hospital. Dona Mathildes é natural de São José, viveu alguns anos em Luiz Alves, onde casou e teve dois filhos, perdendo-os, empregando-se mais tarde no Hospital Santa Isabel, ou seja, em 15/5/1933.

— DIA 16 — No Colégio Sagrada Família realizou-se a entrega de diplomas a 150 alunas do Curso de Flores Artificiais, promovido em conjunto pelo Deptº. de Bem-Estar Social da Prefeitura de Blumenau e a empresa paulista "Mil Flores Exposições", realizado naquele colégio. A solenidade foi presidida pelo prefeito Dalto dos Reis, o

qual pronunciou vibrante oração, dizendo que entendia ser de suma importância a participação da mulher em cursos daquela natureza.

— DIA 18 — Neste dia foi empossado presidente da Comissão Municipal de Esportes de Blumenau o ex-prefeito Ramiro Ruediger.

— DIA 18 — Mais de 700 mães pertencentes aos diversos clubes de mães dos centros sociais da prefeitura, foram homenageadas neste dia, como anualmente acontece, no grande auditório do Teatro Carlos Gomes. O prefeito Dalto dos Reis, que presidiu a solenidade, disse num trecho de seu discurso de saudação às mães ali reunidas: "O amor pela mãe é o sentimento mais sagrado que existe no mundo. Por isso e, também, pelos laços de bravura dos quais é detentora, devemos nossos cumprimentos e saudações, seja ela preta, branca, rica, pobre, casada ou solteira".

— DIAS 19-20 — Como resultado das intensas chuvas caídas em toda a região, o rio Itajaí-Açu sobe vertiginosamente, atingindo, durante a noite, o nível de 12,05 m., com o que invadiu centenas de residências e parte do alto comércio da rua 15 de Novembro e ruas adjacentes.

— DIA 19 — Foi aberta a exposição "Valores Novos", na Galeria Municipal de Artes, à rua 15 de novembro. As obras expostas, foram dos artistas Edson Luís Martins, Roseli Hoffmann e Luiz Henrique Stotz.

— DIA 24 — O Dia da Infantaria, transcrito neste dia, foi comemorado no quartel do 23º. B. I., com diversas solenidades, inclusive com a colocação de flores ao pé do busto do Brigadeiro Antônio Sampaio.

— DIA 24 — Do relatório entregue pelo Secretário de Obras e Serviços Urbanos ao prefeito Dalto dos Reis, relativo ao mês de abril, constam, entre outros serviços, os seguintes: Conservação de ruas. 10.662 m2. de macadame em 120 ruas; patrolamento de 178.215 metros lineares; capinação e roçagem de 150 mil metros lineares; recuperação de 896 m2 de calçamento; canalização de água e esgoto em 36 ruas, com 952 tubos, sendo 571 tubos empregados pela Prefeitura; limpeza de 17 mil metros de vala em 33 ruas; abertura de valas em 13 ruas, num total de 1.488 metros, além da colocação de 63 caixas coletoras de limpeza e mais 24 construídas em 17 ruas e ligação de esgoto em outras 16 ruas.

— DIA 24 — Neste dia, o prefeito Dalto dos Reis formalizou o pedido de liberação, ao Ministro do Interior, do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço às famílias blumenauenses efetivamente atingidas pelas enchentes dos dias 20 e 21 de maio.

— DIA 25 — A partir deste dia, o acervo do Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva", pertencente à Fundação "Casa Dr. Blumenau", passou a funcionar no local que era anteriormente ocupado pela Câmara de Vereadores. Na oportunidade, em homenagem ao patrono, foi aberta exposição da vida e obras do mesmo, destinada a ficar aberta ao público até fins de julho.

— DIA 25 — Relatório apresentado pelo Serviço Municipal do Trânsito ao prefeito Dalto dos Reis, revela que foi registrado o total

de 252 acidentes no mês de abril, com 90 vítimas, das quais três fatais e 87 lesionadas.

— DIA 25 — Neste dia, o pastor Evangélico da Igreja Batista, sr. Wesley Blackweld, fez entrega ao dr. Fernando Vianna do Deptº. de Saúde da SESBES, de um cheque no valor de Cr\$ 500.000,00, como auxílio no programa de distribuição de alimentação aos flagelados das cheias provocadas pelo Rio Itajaí-Açu, no dia 20 de maio.

— DIA 26 — O Diretor do Deptº. de Saúde da SESBES — Médico Fernando Vianna, informou que foram registrados, em Blumenau, 255 casos clínicos, 42 internações e duas mortes, nos três hospitais da cidade e postos de emergência da Prefeitura, durante os dias 19, 20 e 21 de maio, durante as enchentes que assolaram a região.

— DIA 26 — Neste dia, o prefeito Dalto dos Reis assinou o decreto nr. 2.124, nomeando os novos membros do Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau", os quais tomaram posse no dia 30 do mesmo mês.

— DIA 27 — Foi aberta, na FURB, a exposição dos quadros fotográficos do IV Concurso Catarinense sobre o meio ambiente.

— DIA 30 — No Salão Nobre de Reuniões da Prefeitura, o prefeito Dalto dos Reis deu posse aos novos Conselheiros da Fundação "Casa Dr. Blumenau", ocasião em que foram eleitos por aclamação, Presidente e Vice-Presidente do Conselho, os srs. Dr. Afonso Raabe e Antônio Pedro Nunes.

— DIA 30 — A AEMA, através do sr. Rogério Rodrigues de Lima informou, que até esta data, 18 empresas blumenauenses já haviam entregue os respectivos projetos para tratamento de poluição nas suas indústrias.

---

## **Movimento de pesquisas do Arquivo Histórico durante o mês de abril**

— Marcos Duwe — Rua Pará, 88 — Blumenau, pesquisou sobre diversas sociedades culturais e recreativas. Jornais: "Der Urwaldsboite", "A Cidade", "A Nação" e JSC. — 3/6/83.

— DIA 3/6 — Dione Stolmeier — Blumenau — Pesquisou sobre aspectos físicos e geográficos de Blumenau, em obras do Levantamento Sócio-Econômico de Blumenau.

— DIA 3/6 — Vera Regina dos Santos — Bairro Itoupava Norte — o mesmo assunto da pesquisa anterior.

— DIA 3/6 — Silvia Regina Casas — Rua Curitibanos, 198 — o mesmo assunto das pesquisas anteriores acima citadas.

— DIA 6/6 — Sônia Regina Knoll — o mesmo assunto das pesquisas acima citadas.

— DIA 6/6 — Zeliete Lúcia Sartertt — Blumenau — os mesmos assuntos das pesquisas anteriores acima citadas.

— DIA 8/6 — Sérgio Roberto Probst — Blumenau — Assunto: Acidente de Avião. Pesquisado no Jornal de Santa Catarina, Fevereiro de 1980.

— DIA 10/6 — Eduardo Schroeter — Blumenau — Assunto: As Enchentes no Vale do Itajaí — Jornal de Santa Catarina.

— DIA 15/6 — Marcos Aurélio Cuneo — Blumenau — Assunto: Sociedade Recreativa, Esportiva Ipiranga — Jornal de Santa Catarina.

— DIA 15/6 — Marilse Cristiana de Oliveira — Blumenau. A mesma pesquisa do consulente acima, no mesmo jornal.

— DIA 15/6 — Patrícia Maria Cuneo — Blumenau. — A mesma pesquisa dos dois acima citados.

— DIA 15/6 — Regina Maria Georg — Blumenau — A mesma pesquisa dos três anteriores, acima.

— DIA 20/6 — Romeu Georg — Blumenau — Assunto: Fotos p/reprodução sobre o Teutônia e Ipiranga. Fonte: Arquivo Histórico Fotográfico.

— DIA 21/6 — Eduardo Medeiros Milanês — Blumenau — Assunto: Espiritistas em Blumenau. Fonte: Índice Onomástico.

— DIA 22/6 — Inge Vera von Hertwig — Blumenau — Assunto: Apolônia von Buettner. — Revista "Blumenau em Cadernos", pastas e fichas amarelas.

— DIA 22/6 — Roger Schreiber — Blumenau: Assunto: As enchentes do Rio Itajaí. — Jornal de S. Catarina e livro "As Enchentes do V. do Itajaí".

— DIA 24/6 — João Ascânio Correa — São Paulo — Assunto: Reportagem sobre a cidade de Blumenau, dados históricos. Pesquisas diversas.

— DIA 25/6 — Udo Teske — Blumenau — Assunto: Genealogia da Família Wagner. Fonte: Revista "Blumenau em Cadernos" Índice Onomástico e o livro Genealogia de Famílias Germânicas.

### O CONSELHO CURADOR ESTEVE REUNIDO

Sob a presidência do Dr. Afonso Rabe, o Conselho Curador da Fundação "Casa Dr. Blumenau" esteve reunido no dia 28. Da ordem do dia, constavam, além do relatório do diretor executivo jornalista José Gonçalves, a apreciação do esboço do projeto definitivo para a construção do prédio que abrigará, futuramente, a Biblioteca e o Arquivo Histórico. Tudo foi minuciosamente analisado, inclusive os planos para a obtenção de recursos para a importante obra que Blumenau está a exigir, com vistas não só aos benefícios que trará às gerações futuras mas também aos pesquisadores e estudiosos do presente.

**BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.**

**banespa**

Um dos colaboradores nas edições desta revista

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador: Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Séara Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

120 milhões de pessoas carregam a Hering nas costas.



Nas costas, na cintura, na lateral. É só examinar um brasileiro por dentro que você descobre uma etiqueta Hering.

Quem é que não gosta de usar uma malha de algodão macia, suave e confortável?

No trabalho, no esporte ou no lazer, qualquer tempo é tempo de camisetas, cuecas, pijamas e camisolas Hering.

Mas não é só no Brasil que a etiqueta dos dois peixinhos virou moda: ela também pode ser encontrada nas costas alemãs, canadenses, finlandesas, americanas, suecas e holandesas.

Afinal, quem fabrica 16 milhões de peças por mês não podia deixar tudo nas costas dos brasileiros.

Cia. Hering

